

AZAR DO RIO.

Monique Renne/Especial para o CB 11.8.05



JAGUAR É DE BRASÍLIA

O fundador do Pasquim, da Banda de Ipanema, morador do Leblon e botequeiro compulsivo, perfeita tradução do que é ser carioca, trocou o Rio de Janeiro por Brasília. Está aqui há dez dias e já tem um monte de história para contar e outro tanto de provocações a fazer

CONCEIÇÃO FREITAS
DA EQUIPE DO CORREIO

Arte: Jaguar sobre foto de Monique Renne/Especial para o CB

Domingo 14 de agosto de 2005, décimo dia da era Jaguar em Brasília. Jornalista, chargista, escritor e bebedor, Sérgio de Magalhães Gomes Jaguaribe, 73 anos de cariçoque legítima, montou acampamento em Brasília. Veio, como ele mesmo diz, de "acompanhante" da mulher, a sanitarista Célia Regina Pierantoni, que assumiu o cargo de diretora de Gestão da Educação na Saúde do Ministério da Saúde.

— Jaguar é caô, diziam os amigos do Rio.

— Você não vai nem amarrado, comentou Célia Regina, ao discutir com o marido o convite recebido para assumir a função.

— Vou desamarrado, numa boa, respondeu Jaguar.

Na quinta-feira 4 de agosto, Célia Regina arrumou a mala, pegou o avião pela manhã. Jaguar ficou para terminar algumas tarefas, mas prometeu à mulher que iria no mesmo dia.

Às 14h, já instalada num apartamento do Setor Hoteleiro Norte, ligou para o marido.

— E aí, você vem? Já comprou passagem?

— Claro que vou, mas ainda não comprei a passagem.

— Você não vem...

Veio. Está no 8º andar do apartamento, janela de frente para a Torre de Tevé "e para uma favelinha" que a rodeia, a Feira da Torre. Passados dez dias, Jaguar já conheceu meia dúzia de bares — Beirute, Amigão, Toca do Chope, Bar Brasília, Monumental, Feitiço Mineiro. Só não saiu em um dia, por causa de uma gripe. "Nesta idade, tudo pode virar pneumonia", comenta, com o bom-humor de hábito.

"Notório saber"

Disseram que ele vai montar um bar, o Esquina do Jaguar. Pura provocação jaguariana. Mas nem bem chegou, já foi sondado por gente do ramo. Não está nos seus planos virar empresário do setor de bares e restaurantes, mas não descarta a hipótese de emprestar o nome, escolher os acespipes, fazer a decora-

ção, o cardápio. "Sou notório saber no assunto", diz. Ninguém duvida.

O homem do Pasquim e da Banda de Ipanema tem outros planos. O primeiro deles é pôr-se à prova. "Vindo para Brasília, saí do redemoinho. Agora, terei tempo para aprender uma porção de coisas. Vou saber se eu vivia no redemoinho no Rio ou se eu é que sou um redemoinho." Entre seus projetos está o de aprender a mandar e receber e-mail. "Até agora, de computador só sei até tirar o disquete".

E tarefas mais solenes, como a de concluir um livro encomendado pela Record, *Por que sou chargista*, série que já lançou vários nomes consagrados em diversas áreas de atuação. Pretende escrever o *Confesso que bebi em Brasília*, variação do *Confesso que bebi — memórias de um amnésico etílico*, roteiro afetivo de bares da cidade misturado com crônicas de alguns dos personagens que melhor traduzem a alma carioca.

Chegou a Brasília na semana em

que o nome da cafetina Jeany Mary Corner caiu no colo da CPI dos Correios. "Quem disse que Brasília não tem esquina? Tem uma notória, Maria Joana da Esquina" e aproveitou para fazer a charge que ilustra esta página. "O parlamento brasileiro só não é mais engraçado que o japonês, porque lá tem murro de vez em quando, mas ninguém é perfeito".

Nesses dez primeiros dias, Jaguar já reparou que Brasília não tem calçadas, que tem imensos espaços vazios e não entende por que não se construiu um metrô antes de se construir a cidade propriamente dita. Falha perdoável: "Tenho paixão por Oscar Niemeyer. Aliás, estou com 90% de certeza de que vou morrer antes dele". A diferença de idade entre esses dois cariocas notórios é de 24 anos.

Jaguar diz que a devoção pelo arquiteto o deixa constringido para falar mal de Juscelino Kubitschek. Mas, mesmo assim, diz algumas: "O carioca tem bronca de Juscelino por

ele ter tirado do Rio de Janeiro a capital do país. Uma cidade isolada é o ambiente perfeito para a criação da corrupção, aqui ela visceja mais do que com vista para o mar". Pior do que a mudança da capital para o interior do país, no entender de Jaguar, é Juscelino ter acabado com a rede ferroviária brasileira e ter "preferido macaquear os americanos" ao optar pelas rodovias.

"Bacanais na redação"

De agora em diante Jaguar terá muitas histórias de Brasília para contar, histórias dos bares da cidade, especialmente dos bebedores, gente que, como ele disse em *Confesso que bebi*, o ajudam "a tornar o mundo menos aborrecido". Como essa da qual foi personagem na década de 70. O Pasquim esquentava a cabeça da ditadura. Era a época da censura prévia. O jornal tinha de submeter sua edição ao crivo dos censores. Os editores mandavam o pacote a Brasília e o recebiam de volta, via postal.

Houve uma vez, no entanto, que o coronel da censura mandou chamar o editor do jornal a Brasília. Jaguar ainda argumentou que não tinha dinheiro para a passagem. O coronel não se comoveu com a penúria do jornalista. Jaguar se lembra que chegou à cidade três horas antes do horário agendado com o coronel, do qual ele não se lembra o nome. Pegou um táxi e pediu ao motorista que o deixasse num bar. Foi levado ao Beirute. Três horas mais tarde, estava no gabinete do coronel.

"Quando ele me viu, viu que eu não tinha cara de comunista, sabia que eu tinha sido do Banco do Brasil (Jaguar redigiu telegramas do banco durante 17 anos), que tinha família, filhos. 'Por que não larga essa vida?', ele me perguntou. 'Não sei fazer outra coisa, coronel'". Despediram-se e, quando Jaguar estava na porta, o coronel o chamou. Com um sorriso meio cúmplice, perguntou: "É verdade que você faz muitos bacanais na redação do Pasquim?". Jaguar respondeu, meio sem jeito: "Mais ou menos, coronel" e saiu antes que o militar fizesse alguma proposta indecente.

A essa altura, Jaguar tinha perdido o voo de volta para o Rio. Voltou ao Beirute, bebeu mais algumas, cansado, procurou um hotel para pernoitar. Acordou sem saber exatamente onde estava. Devia ser horário do rush. Acendeu a luz e foi à janela. Viu um "mar de luzinhas vermelhas" e pensou: "Meu Deus, isso é um pesadelo. Estou dentro de um autorama".

Dia desses, o jornal *Bafafá*, filhote do Pasquim, perguntou a Jaguar o que ele gostava de beber. E ele: "Normalmente, começo com Steinheger, passo para o chope e quando ele começa a ficar com aquele gosto enjoativo, entro no uísque puro e sem gelo. Depois para terminar peço um cafezinho e arremato com um Underberg que é o melhor remédio". Perguntado se é isso mesmo, ele ri, meio tímido — Jaguar é inesperadamente tímido — e admite que essa história de beber demais é um pouco de marketing pessoal. Bebe um pouco de tudo, menos vinho porque misturado dá dor de cabeça. Ressaca? Não sabe o que é isso.

